

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

SÃO SALVADOR DO MUNDO — O ESTADO DA ARTE!

André Donas-Botto¹

RESUMO

Tendo em atenção a importância marcante do sítio de São Salvador do Mundo para o estudo da ocupação humana na bacia do Douro e mais particularmente no concelho de São João da Pesqueira, não deve ser descurada a sua abordagem por parte de diversos investigadores surgindo a oportunidade de abrir este sítio ao *mundo científico* na esperança de despertar um maior interesse pela comunidade arqueológica bem como alertar o poder local para a sua importância. Localizado junto ao Rio Douro este sítio revela-se como um marco no território, com uma impressionante ocupação desde a pré-história recente. O poster que apresentamos pretende revelar os principais vestígios aí existentes bem como uma pequena resenha pelo seu “estado da arte”.

Palavras-chave: S. Salvador do Mundo, Alto-medieval, Santuário, Eremitério, Vitricado.

ABSTRACT

Due to the outstanding importance that the site of São Salvador do Mundo offers to the study of the occupation of the basin of the Douro river, and particularly in the county of São João da Pesqueira, its approach by several investigators should not be neglected, bringing an opportunity to open this site to the scientific world in the hope of rousing a bigger interest of the archeological community and the local municipal powers in the sit itself. Located close to the Douro river, this site proves to be a landmark on the territory, with a impressive occupational time-line since Recent Prehistory. This poster intends to show the main remnants found on site as well as a small review of its “state of art”.

Keywords: S. Salvador do Mundo, Early Middle Age Sanctuary, Hermitage, Melted and fused rocks.

São Salvador do Mundo está localizado na margem esquerda do rio Douro, no município de São João da Pesqueira, união de freguesias de São João da Pesqueira e Várzea de Trevões, distrito de Viseu, região do Douro (NUT III), Região Demarcada do Douro e enquadrado pela área classificada como Património Cultural da Humanidade pela UNESCO. O local é composto por um imponente maciço granítico numa área de transição com o xisto, sendo contornado a Nascente e a Norte pelo rio Douro, com uma altitude máxima de 502 metros acima do nível médio do mar. As coordenadas do sítio são: lat. N – 41° 09’ 13”, LONG W – 7° 21’ 50”.

S. Salvador do Mundo, será certamente um dos sítios arqueológicos mais importantes da Beira Alta e Trás-os-Montes, prova disso são as inúmeras referências ao local em diversos textos desde pelo menos o séc. XVI; as primeiras referências escritas a S. Salvador do Mundo aparecem neste mesmo século

por parte de André de Resende na sua obra “*As Antiguidades da Lusitânia*” (RESENDE, 2009, p.190). Já no séc. XVIII também Jerónimo Contador de Argote refere por duas vezes este local, fazendo alusão a um cipo existente em S. Salvador do Mundo (ARGOTE, 1732, p.321/ *Ibid*, 1738, p.266). No entanto é de 1758 que obtemos as informações mais interessantes sobre este lugar. O padre Bernardo José de Azevedo Vieira, abade da Igreja de Santa Maria aquando do inquérito das memórias paroquiais faz uma descrição interessantíssima de uma área específica do santuário, habitualmente chamado de gruta ou cova. Para este caso ele dá notícia de que: “*No cerro da Capela do Salvador já dita (sic), há um boraco que apenas cabe uma pessoa desce quase a pique e vai dar a uma sala ou terreiro que terá oitenta palmos, e de alto vinte; e detrás desta uma porta tapada, qe mostra [?] mais para dentro...*” (Memórias Paroquiais de 1758: <http://www.fcsh.unl.pt/atlas2005>). Este páro-

1. Investigador Independente; adonasbotto@gmail.com

co refere também o cipo romano existente na fachada da capela principal já anteriormente citado por Argote. No séc. XIX também são feitas observações a este cipo por parte de Sousa Viterbo (CARVALHO e GOMES, no prelo) bem como por Pinho Leal que apresenta a mesma leitura que a do pároco nas memórias paroquiais (PINHO LEAL, Reed. 2006, vol. IX, pp.8,9). Outra interessante alusão a S. Salvador do Mundo é feita por José Augusto Mendes em 1860 quando refere que existiu uma antiga povoação em São Salvador do Mundo que terá sido incinerada séculos atrás e que daquele local se retiraram estátuas, mármore lavrados e polidos bem como inscrições antigas e moedas (MENDES, 1860, PP.311/12).

De facto, com uma ocupação desde pelo menos a Pré-história recente até à actualidade, S. Salvador do Mundo revela-se sem quaisquer dúvidas como um dos sítios mais importantes da região (CARVAHO e GOMES, no prelo; GUIMARÃES *et alli* 2007; HEITTOR, 2002, p.86). Por todo o monte se conseguem encontrar vestígios materiais, sobretudo na área conhecida como praça dos Mouros. Pedro Sobral e Filipe Gomes recolheram, quando da elaboração da carta arqueológica, alguns fragmentos cerâmicos na vertente sul, datáveis do neolítico. Esses fragmentos foram recolhidos, em locais onde associados a pequenas plataformas surgem abrigos rochosos, que podem ter sido ocupados durante esse período (CARVALHO e GOMES, no prelo). Além dos materiais cerâmicos podem identificar-se diversos elementos arquitectónicos reaproveitados em vários muros de sustentação de terras ou até mesmo nas capelas que compõem o santuário.

Este sítio sofreu intervenções arqueológicas, nos anos de 2007, 2008 e 2009, num alpendre que serviria de albergue para peregrinos durante a Idade Moderna, por parte do Dr. Gonçalves Guimarães (DONAS-BOTTO, 2012, p.18). Embora dos trabalhos de escavação se tenha obtido como resultado o nível de aterro para aplainar o solo de forma a construir o dito alpendre. Os materiais aí existentes, mesmo fora de contexto, provam o período de ocupação do monte desde pelo menos a pré-história recente (*Ibidem*). Não devemos esquecer o cipo já referido por diversos autores citados neste texto, assim como materiais recolhidos, quer numismas quer materiais cerâmicos (CARVALHO e GOMES, no prelo, GUIMARÃES *et alli*, 2007, pp. 54 a 58), e o santuário romanizado como prova da ocupação romana do local.

É evidente que dois dos locais mais enigmáticos deste complexo sítio arqueológico são uma cova próxima à capela principal, que certamente terá funcionado como eremitério (CARVAHO e GOMES, no prelo; DONAS-BOTTO, 2012, p.18; *Ibid*, 2013, p. 991; GUIMARÃES *et alli*, 2007, pp. 56/7), bem como, o santuário rupestre proto-histórico romanizado muito próximo da cova eremítica (CARVALHO e GOMES, no prelo; DONAS-BOTTO, 2012, p.18; GOMES, 1997; GUIMARÃES *et alli*, 2007, p.56; VAZ, 2008, pp.49/50). Estas áreas foram recentemente alvo de uma intervenção de registo e limpeza, tendo-se conseguido observar alguns pormenores que até então se encontravam escondidos. No caso do santuário foi possível levar a cabo um melhor registo da inscrição existente no mesmo. O santuário é composto por um grupo de dois *pedomorfos*, seguido de duas covinhas, dois *pedomorfos* e por fim um *pedomorfo* e uma covinha alinhadas, em torno desta manifestações é possível identificar vários fossets; sendo todo o santuário escavado em batólitos graníticos. A encabeçar estas representações encontramos então a inscrição certamente de origem romana mas com uma posterior sacralização medieval ou moderna, numa tentativa de cristianizar um testemunho pagão. A leitura possível desta inscrição será a seguinte: E^{CV}EM PSEUE / AV EVL PSEUE. Este santuário tinha acesso posterior através de uma escadaria escavada na rocha acompanhada por uma goteira. Embora este santuário seja uma testemunha da romanização do povoado, sendo mesmo possível fazer paralelos a Panóias, embora este bem mais rustico, não deixa de ser também um enorme testemunho da ocupação da Idade do Bronze no local. A par deste mesmo local devemos dar ênfase aos grandes fragmentos de rocha vitrificada existentes no local, acompanhadas de centenas de pequenos fragmentos espalhadas pelo santuário (alguns sendo mesmo utilizados nos aspectos decorativos das capelas). Estes fragmentos de rocha vitrificada surgem na área de mais fácil acesso ao povoado, deveremos então levantar a questão se não estaremos na presença de vestígios de Muralha Vitrificada? Esta questão, embora pertinente, não tem ainda resposta, pois falta neste local uma investigação profunda e realização de mais sondagens para além daquelas realizadas por Gonçalves Guimarães entre 2007 e 2009 (DONAS-BOTTO, 2012, p.18) Contudo, tratando-se este texto de um “Estado da Arte” não poderíamos deixar de fazer este apontamento.

Avançamos agora para aquele que é o nosso principal foco de investigação, a Cova Eremítica existente em S. Salvador do Mundo. Antes de nos focarmos no sítio propriamente dito, devemos contextualizar brevemente a discussão em torno destas estruturas. Inicialmente, durante os inícios do séc. XX, eram tidas como pré-históricas ou até mesmo romanas (AZKARATE, 1988, pp.138 a 140; MONREAL, 1989, p.24). É nos anos 70 que surgem as primeiras datações mais próximas com a realidade, primeiramente como estruturas visigodas, outros autores afirmam também que estas estruturas são de época medieval, não as incluindo, contudo, no mundo visigótico, mas sim entre os séculos X e XI. Neste desentendimento entre investigadores chegou-se a uma datação mais abrangente, entre os séculos VI e X, ou seja, a partir do período de domínio visigótico refutando-se totalmente as datações que as atribuíam a períodos passados (AZKARATE, 1988, pp.141/2). Contudo, optamos por dar uma denominação a par da dada por Luis Alberto Monreal Jimeno (1989, p.14) para as estruturas do vale do Ebro, ou seja, denominar cronologicamente apenas por “altomedievais”. Optando por um termo cronológico deliberadamente vasto pela dificuldade sentida em dar uma datação segura a este tipo de estruturas (*Ibidem*).

A motivação da construção de ermidas está habitualmente associada não somente à prática de vida eremítica, mas mais nuclearmente à devoção e aos itinerários de santidade. Localizadas habitualmente em locais ermos implantam-se com frequência nos limites das paróquias como pólos devocionais das populações (ROSAS, 2000, p.49). As pedras, penedos e fragas são no folclore e nas religiões europeias lugares de amostragem do sagrado e do aparecimento de divindades. Em alguns casos eram mesmo gravadas cruces, círculos e rosários ou caiados com posterior pintura de imagens sacras (*Ibidem*). É o que se passa no nosso caso, o ermitério de São Salvador do Mundo está localizado numa plataforma a meio do monte entre as capelas numero cinco e seis do santuário, nas imediações do santuário proto-histórico romanizado (CARVALHO e GOMES, *no prelo*; GUIMARÃES *et alli*, 2007, p.56). Já Pedro Sobral e Gonçalves Guimarães haviam referido esta estrutura, mas sempre com reservas e sugerindo que se descesse ao seu interior de forma a confirmar a existência de um ermitério rupestre (*Ibidem*), foi o que

nos propusemos a fazer no nosso trabalho de campo confirmando essa teoria.

O acesso ao local é feito por degraus em parte escavados no afloramento granítico, no último degrau desta escadaria podemos encontrar uma cruz gravada na rocha assim como negativos de uma porta que marcaria a entrada do local. Deparamo-nos logo com uma primeira antecâmara, toda escavada em afloramento granítico com um pequeno nicho escavado na rocha. É a partir desta antecâmara que se tem acesso ao ermitério propriamente dito. Através de uma entrada vertical, sendo necessário recorrer a uma escada, descemos ao corredor que dará acesso à câmara principal. Este é escavado no granito aproveitando a união de dois grandes blocos.

O corredor tem a largura de sensivelmente oitenta centímetros com uma altura de quase dois metros por um comprimento de dez metros aproximadamente. Após este corredor encontramos o salão principal, ou câmara, do ermitério com aproximadamente cinco metros de diâmetro e sete de altura. Neste local encontramos cinco nichos escavados no afloramento granítico e uma pintura recente a vermelho “CNE” correspondendo a “corpo nacional de escutas”, a meio da parede norte da estrutura parece ser visível uma inscrição gravada na vertical: “A M”. Existiria nesta câmara um acesso a uma outra inferior, contudo às ordens do antigo pároco esta foi celada com cimento de forma a evitar acidentes.

Estamos, assim, perante uma estrutura com acesso por escadaria à antecâmara que daria acesso à câmara principal através de uma entrada vertical de onde parte um corredor em direção à câmara onde existiria um acesso a uma outra.

No que diz respeito à cruz gravada esta apresenta semelhanças com cruz número três (San Martin de Villarán) do inventário de Luis Monreal Jimeno (1989, p. 419) Este ermitério apresenta também semelhanças ao ermitério de Sabariz estudado por Manuel Real de Mário Barroca (REAL, *et alli*, 1982, pp. 5 a 30; BARROCA, *at all*, 1984). A partir das cerâmicas recolhidas na envolvência do local, este ermitério terá tido claramente uma ocupação alto-medieval (DONAS-BOTTO, 2012, p.100). No passado mês de Agosto de 2016 foi-nos possível recolher materiais do interior desta gruta, se em parte alguns confirmavam esta constatação feita anteriormente outros levantaram algumas dúvidas, sobretudo um machado de pedra polida recolhido juntamente com cerâmicas atribuíveis ao período

da reconquista. Esta recolha levantou bastantes dúvidas, no entanto rapidamente se pode repor a proposta cronológica para o local, uma vez que em conversa com uma das pessoas da comissão fabriqueira da paróquia de São João da Pesqueira (entidade responsável pela gestão do local) foi-nos informado que há cerca de 30 anos para além da selagem do acesso ao segundo salão, já referido anteriormente, o anterior pároco promoveu também um entulhamento do corredor com terra retirada da envolvência da cova eremítica. Desta forma, temos mais um testemunho da diacronia ocupacional de São Salvador do Mundo, mas tal como no caso das escavações de Gonçalves Guimarães sem uma estratigrafia “original” para melhor se compreender o local.

Não obstante esta ocupação alto-medieval, no século XVI, a cova eremítica conheceria nova ocupação por parte de Gaspar da Piedade, que em torno deste local começa a reconstruir ruínas para edificar um santuário. Em 1581 Belchior de Sousa cria o convento de São Francisco e a Câmara faz um acordo com os terceiros de São Francisco para ficarem responsáveis pelo santuário e aí terem um padre para ouvir confissão dos romeiros e um responsável, eremita, pela manutenção do espaço (GUIMARÃES *et alli*, 2007, p.57/8). Esta cova terá servido como habitação e quiçá templo para a comunidade que a habitou. Pela sua dimensão não nos parece que se destinasse somente a um utilizador, a probabilidade de existir uma outra câmara inferior parece corroborar esta hipótese pois poderiam existir celas nesta área a par do que sucede em alguns casos do vale do Ebro (MONREAL, 1989, pp.27 a 230).

Em género de conclusão podemos assumir que São Salvador do Mundo não deixa de ser um paradigma do interesse científico. Se por um lado é recorrentemente citado por diversos autores sobretudo nos séculos XVIII e XIX, acaba por vir a ser esquecido deixando todas as respostas ainda em aberto. Neste texto tivemos o objectivo de dar a conhecer o que já se conhece sobre este sítio, bem como levantar uma outra questão. Sobretudo relacionada com as rochas vitrificadas. Os materiais recolhidos no local desde os trabalhos da Artqueohoje nos anos noventa do século passado até ao levantamento realizado em Agosto de 2016, no âmbito do nosso estágio PEPAL no Município de São João da Pesqueira, encontram-se em depósito legal na reserva do Museu Eduardo Tavares, carecendo na sua quase totalidade de estudo para além do registo já efectuado. Desta forma,

pensamos ser urgente alertar para importância do local no que diz respeito ao povoamento do Vale do Douro, e na nossa opinião fulcral para o aprofundamento da questão do povoamento e ocupação da região durante o período da Reconquista. Embora a tese do ermamento do Douro esteja cada vez mais a cair em desuso faltam ainda estudos no que concerne ao período medieval para se “enterrar” de vez esta visão minimalista da ocupação humana desta vasta e rica região durante o alvorecer da portugalidade. Mesmo ao nível da antiguidade tardia quase nada se confirmou ainda o que leva a que a tese do ermamento esteja em parte correcta, mas sobretudo no que diz respeito à investigação, tem-se apostado sobretudo nos estudos dos períodos proto-históricos e romanização da área dando-se depois o salto na investigação para a idade de ouro do Douro, o período da plantação das vinhas e, sobretudo, da criação da região demarcada a quando da reforma Pombalina em 1756 com a criação da mesma.

São Salvador do Mundo é sem dúvida um dos sítios arqueológicos mais ricos e importantes da região, apresentando como não nos cansamos de referir uma importantíssima diacronia ocupacional, sendo um perfeito testemunho do ecohumano na região, uma adaptação do Homem a um espaço difícil conferindo-lhe diversas funções desde uma ocupacional e de habitação numa fase inicial a uma ocupação marcadamente espiritual a partir da Idade Média (não esquecendo a importância religiosa do local testemunhada pelo santuário proto-histórico romanizado). Em suma São Salvador do Mundo necessita e merece uma atenção redobrada pelo poder local bem como da comunidade arqueológica de forma a melhor compreender o espaço e de o dar a conhecer ao Mundo como testemunho da ocupação humana no Vale do Douro, Património da Humanidade.

BIBLIOGRAFIA

ARGOTE, Jeronimo Contador (1732) – Memórias para a história eclesiástica do Arcebispado de Braga, primaz das Hespanhas, dedicadas a el Rey D. João V – Lisboa: Of. Joseph António da Sylva.

ARGOTE, Jeronimo Contador (1738) – De antiquitatibus conventos bracaraugustani libri quatuor – Real Academia.

AZKARATE, Agustin (1988) – *Arqueología cristiana de la antigüedad tardia en Alava* – Vitoria-Gasteiz: Diputacion Foral de Alava.

BARROCA, Mário Jorge *et alli* (1984) – “Escavações arqueológicas no eremitério rupestre de Sabariz (Vila Fria – Viana do Castelo)” in: Actas do 1º Congresso de Arqueologia Medieval Espanhola.

CARVALHO, Pedro M. Sobral de; GOMES, Luís Filipe Coutinho – O Concelho de São João da Pesqueira, Testemunhos do Tempo e do Homem – no prelo.

DONAS-BOTTO, André (2012) – São João da Pesqueira: Subsídios para o estudo do território medieval – Dissertação de mestrado apresentada à faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

DONAS-BOTTO, André (2013) – São João da Pesqueira: Subsídios para o estudo do território medieval – In: Arqueologia em Portugal 150 anos, pp.987-994, coordenação de José Arnaud, Andrea Martins, César Neves, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

GOMES, Pe. José do Nascimento (1997) – Roteiro Turístico do Ermo – Câmara municipal de S. João da Pesqueira.

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves, *et alli* (2007) – São Salvador do Mundo, Santuário Duriense – S. João da Pesqueira.

HEITOR, António José Fernandes (2002) – A Pré-História Recente no Douro Sul (Concelhos de São João da Pesqueira e Tabuaço) – Um Ensaio de Arqueologia Espacial – Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

MENDES, José Augusto (1860) – “O São Salvador do Mundo” – In: CASTILHO, Alexandre Magno de – Almanach de lembranças Luso-Brasileiro – Lisboa, pp.311-312.

MONREAL, Alberto Monreal Jimeno (1989) – Eremitorios rupestres altomedievales (el alto valle del Ebro).

Memórias Paroquiais de 1758, <http://www.fcsh.unl.pt/atlas2005> – visualizado em 11/10/2011.

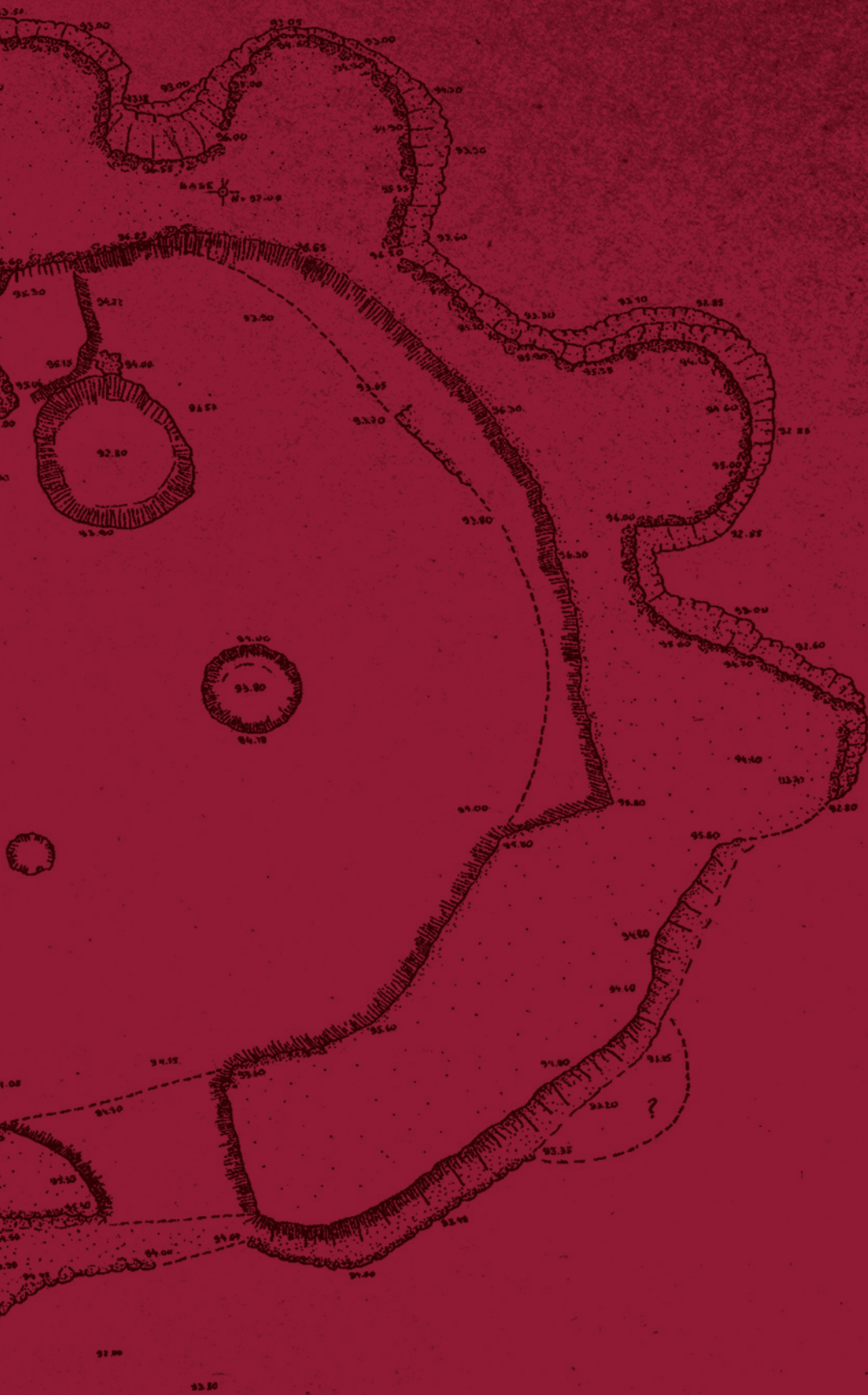
PINHO LEAL, Augusto Soares (reedição 2006) – Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorográfico, Heráldico, Archeológico, Histórico, Biográfico & Etimológico de Todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal e Grande Número de Aldeias – Vols. VI/IX, Braga.

REAL, Manuel Luís *et alli* (1982) – “As covas eremíticas de Sabariz (Vila Fria – Viana do Castelo)” – In: *Minia*, 2ª série, ano V, nº6, Braga, pp.5-30.

RESENDE André de (2009) – As Antiguidades da Lusitânia, Livro Segundo: Os Rios – In: *Portugaliae Monumenta Neolatina*, vol.3, tradução de R. M. Rosado Fernandes, Coimbra.

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso (2000) – “O eremitério Os Santos em Sendim/Picote”; In: *Douro – Estudos & Documentos*, vol. V, pp. 47 a 57;

VAZ, João Fernando (2008) – Absolvições: Um livro de São João da Pesqueira (histórias, notas e muito mais), ed. Autor, São João da Pesqueira.



Patrocinador oficial